



Comportamento político e questão de gênero na eleição presidencial de 2018

Political Behavior and Gender Issues in the 2018 Presidential Election

80

*José Vitor Lemes Gomes¹
Jairo Barduni Filho²*

Resumo: Esse artigo relata uma pesquisa sobre o comportamento político de eleitores de Bolsonaro frente algumas frases expressas pelo candidato com viés machista e homofóbico. A pesquisa é pautada em metodologia qualitativa e utiliza a técnica de entrevistas individuais guiadas por um roteiro semiestruturado. Nessas condições foram realizadas oito entrevistas com eleitores bolsonaristas. A amostra não é representativa e não permite a generalização dos resultados, porém permite inferir as causas e motivações do voto em Bolsonaro, apesar de suas frases de cunho machista e homofóbico.

Palavras-Chave: Comportamento Político; Gênero; Eleitor.

Abstract: This paper reports a research on the political behavior of Bolsonaro voters in front of some sexist and homophobic phrases expressed by the candidate. The research is based on qualitative methodology and uses the technique of individual

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Cláudio. E-mail: emaildozevitor@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Cláudio. E-mail: jairobardunifilho@gmail.com

interviews guided by a semi-structured script. Under these conditions, eight interviews were conducted with bolsonarist voters. The sample is not representative and does not allow the generalization of the results, but it allows inferring the causes and motivations of the vote in Bolsonaro, despite its chauvinistic and homophobic phrases.

Key words: Political Behavior; Gender; Voter.

1. Introdução

A eleição presidencial brasileira de 2018 produziu indícios de uma provável associação entre comportamento político e questões de gênero. O candidato eleito, Jair Messias Bolsonaro, expressou, durante sua carreira política, frases polêmicas que insinuam percepções retrógradas sobre a condição das mulheres e dos homossexuais na sociedade. Frente a tais enunciados, muitas pessoas, no Brasil e no exterior, reconhecem traços machistas e homofóbicos na personalidade de Bolsonaro.

Em alguma medida, existe associação entre comportamento político pró-Bolsonaro e polêmicas em relação a questões de gênero (machismo e homofobia). A questão central deste trabalho consiste em compreender o comportamento político bolsonarista frente às supracitadas questões de gênero. Desse modo, poderemos constatar casos de eleitores que votaram em Bolsonaro e corroboram opiniões, atitudes e condutas machistas e homofóbicas. Contudo, é evidente que nem todos os eleitores de Bolsonaro estão de acordo com as declarações de viés machista e homofóbico proferidas pelo então candidato; afinal, existem outras variáveis que determinam a intenção de voto. Diante dessa complexidade de motivações que orientam o voto, entrevistamos eleitores bolsonaristas para compreender as razões de seu comportamento político e suas percepções e atitudes a respeito de questões de gênero.

Portanto, o objetivo principal deste artigo é compreender interpretativamente, através da análise de conteúdo das respostas dos entrevistados, o comportamento político de eleitores de Bolsonaro frente às questões de gênero implícitas nas declarações do seu candidato. Em desdobramento desse objetivo mais amplo, objetivamos, ainda, compreender as opiniões e atitudes dos eleitores a respeito de questões de gênero; compreender em que medida outros fatores (políticos,

econômicos, morais etc) poderiam ter sido mais importantes do que as falas machistas/homofóbicas de Bolsonaro para o eleitor decidir votar no mesmo.

A justificativa para esta pesquisa está relacionada à importância estratégica da presidência da República na elaboração de políticas sociais favoráveis às minorias, entre as quais encontram-se mulheres e homossexuais. A presença de um homem com o perfil ideológico de Bolsonaro na presidência da República pode gerar retrocessos nas políticas e direitos de mulheres e homossexuais? Possivelmente sim. A presença de uma mulher com o perfil ideológico de Damares Alves³ na pasta responsável pelos direitos humanos pode gerar retrocesso nas políticas e direitos de mulheres e homossexuais? Possivelmente sim. Setores do movimento feminista e do movimento LGBTQ+ têm manifestado preocupações nesse sentido. Portanto a pesquisa encontra justificativa no fato de que seus dados e informações poderão ser úteis para reflexão de questões relevantes para parcelas importantes da sociedade.

O referencial teórico desta pesquisa é diversificado devido às diferentes formações dos autores. A análise do comportamento político envolve Butler (1958), Meynaud e Lancelot (1966). Para discutir questões de gênero são mobilizados autores como Louro (2014), Foucault (2010) e Pierucci in BOTELHO e SCHWARCZ (2012).

Do ponto de vista metodológico, este trabalho realiza uma pesquisa qualitativa que adota como técnica entrevistas individuais guiadas por um roteiro semiestruturado. O critério de seleção dos entrevistados é o voto em Bolsonaro, ou seja, selecionamos aleatoriamente eleitores do candidato eleito no intuito de compreender como essas pessoas reagem às frases de viés machista e homofóbicas do candidato em quem votaram.

Este artigo está dividido em três (3) partes. Na primeira parte (seção 2), apresentamos evidências da associação entre machismo, homofobia e bolsonarismo. Já a segunda parte (seção 3) contém especificações metodológicas da pesquisa. Por fim, na terceira parte (seção 4), apresentamos os resultados da pesquisa que são analisados à luz do referencial teórico citado.

³ Pastora Evangélica nomeada por Bolsonaro, Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Damares expressou, no exercício do cargo, a frase: “A mulher deve ser submissa ao homem no casamento”. Essa declaração é usada na pesquisa para que os entrevistados expressem se concordam ou discordam com ela e expliquem o porquê de sua opinião.

2. Evidências de machismo e homofobia

No dia 15 de fevereiro de 2016, ao ser entrevistado no programa Super Pop, da Rede TV, Bolsonaro expressou que não empregaria uma mulher com o mesmo salário de um homem devido à possível gravidez, que levaria aquela à licença maternidade e a consequentes encargos para o empregador⁴. Já no dia 03 de abril de 2017, ao proferir uma palestra no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, Bolsonaro expressou que tem cinco filhos, sendo quatro homens, mas que no quinto deu uma “fraquejada” e veio uma mulher⁵.

Em 18 de novembro de 2010, ao participar do programa Participação Popular⁶, da TV Câmara, o então deputado, Jair Bolsonaro, afirmou: **“O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo?”**. Em entrevista⁷ a Stephen Fry, apresentador do documentário *Out there*, exibido pela BBC, Bolsonaro afirmou que nenhum pai tem orgulho de ter um filho gay e que a sociedade brasileira não gosta de homossexual. Já em entrevista⁸ a Ellen Page, para o documentário *Gaycation*, transmitido pela *National Geographic*, Bolsonaro insinuou que a homossexualidade seria resultado do uso de drogas, da mulher trabalhar fora (mãe ausente) e da falta de repressão por parte dos pais.

São inúmeras as declarações de Bolsonaro sobre mulheres e homossexuais, com viés machista e homofóbico. As informações apresentadas acima têm a finalidade de demonstrar a existência de discursos com traços de machismo e/ou homofobia por parte de Jair Bolsonaro. Identificamos, a seguir, indícios de que o discurso com traços de machismo pôde estar associado à intenção de voto de muitos eleitores brasileiros

⁴ A íntegra do programa pode ser encontrada em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AGd2h464Hvo>> Visualizado em 07/04/2019.

⁵ A declaração de Bolsonaro sobre ter fraquejado ao ter uma filha é relatada em reportagem da revista Exame. <<https://exame.abril.com.br/brasil/piada-de-bolsonaro-sobre-sua-filha-gera-revolta-nas-redes-sociais/>>. Site visualizado no dia 07/04/2019. A íntegra da fala do então deputado pode ser assistida em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2YaLo74yLoY>>. Visualizado em 07/04/2019.

⁶ A íntegra do programa encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tq_Qslcx7SA&t=847s>. Visualizado em 07/04/2019.

⁷ A entrevista foi comentada em diversas matérias na imprensa brasileira, como na reportagem do dia 07 de abril de 2019 da revista Carta Capital. <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>>. A entrevista está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o3ZBeX9uC8s>>.

⁸ A entrevista foi comentada em diversas matérias da imprensa brasileira, como no site do El País/Brasil <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/actualidad/1539377107_313676.html>. O vídeo da entrevista está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wbmBp8WLhjl>>.

no pleito de 2018. Pesquisas eleitorais realizadas pelos principais institutos de pesquisa do Brasil revelam que, ao longo do pleito, a intenção de voto para Bolsonaro sempre foi maior entre homens e a rejeição à sua candidatura sempre foi maior entre as mulheres. As tabelas apresentadas a seguir foram elaboradas a partir de dados, do Instituto Data Folha, disponibilizados no portal de notícias G1 ao longo do período eleitoral de 2018.

Tabela 1: Intenção de voto em Jair Bolsonaro entre homens e mulheres – Data Folha.

Datas dos levantamentos	Masculino	Feminino
20/09	36%	21%
28/09	37%	21%
02/10	38%	27%
04/10	42%	28%
06/10	42%	30%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Instituto Data Folha.

84

A tabela acima demonstra que, apesar do crescimento das intenções de voto em Bolsonaro ter sido constante nos dois grupos, a vantagem sempre foi consideravelmente maior entre os homens. Em contraposição, ocorre o inverso quando se avalia a rejeição a Bolsonaro, pois nesse caso o percentual de mulheres que jamais votariam no candidato é sempre consideravelmente maior do que o de homens com a mesma indisposição.

Tabela 2: Rejeição à Bolsonaro entre homens e mulheres – Data Folha.

Datas dos levantamentos	Masculino	Feminino
20/09	37%	49%
28/09	38%	52%
02/10	40%	49%
04/10	39%	50%
06/10	38%	49%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Instituto Data Folha.

Para o período referente ao segundo turno da eleição presidencial, apresentamos dados do instituto IBOPE, através dos quais identificamos a mesma

tendência, isto é, por um lado, a intenção de votos em Bolsonaro é sempre maior entre homens e, por outro lado, a rejeição ao candidato é maior entre mulheres.

Tabela 3: Intenção de voto e rejeição à Bolsonaro entre homens e mulheres.

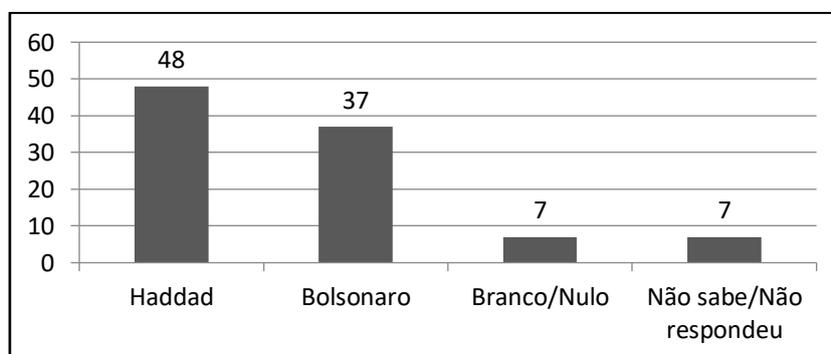
Data	Intenção de voto		Rejeição	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
15/10/18	35	48	39	30
23/10/18	44	56		
Média	39,5	52	39	30

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Instituto IBOPE.

O instituto IBOPE realizou, ainda, outros questionamentos junto aos eleitores, tal como “qual candidato melhor representa os interesses das mulheres?” Frente a esse questionamento, a maioria dos entrevistados optou pelo adversário de Bolsonaro no segundo turno da eleição. Os números foram divulgados no dia 15 de outubro de 2018 e estão descritos no seguinte gráfico:

85

Gráfico 1: Qual dos candidatos melhor representa os interesses das mulheres? (%).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBOPE divulgados no dia 15/10/2018 pelo portal de notícias G1.

A maior vantagem de Bolsonaro entre homens e a maior rejeição entre mulheres sugere que considerável parcela do eleitorado feminino foi sensível ao tom machista das declarações do presidente; afinal, as mulheres são, evidentemente, as vítimas mais expostas e prejudicadas pelo complexo fenômeno do machismo. Essa suposição é corroborada pelos dados do gráfico 1, no qual Haddad é reconhecido

como o candidato que melhor representa os interesses femininos, com mais de 10 pontos percentuais à frente de Bolsonaro.

3. Metodologia

A pesquisa é pautada por uma abordagem qualitativa e realizada através de entrevistas individuais guiadas por um roteiro semiestruturado⁹. Os entrevistados foram escolhidos por serem pessoas conhecidas dos entrevistadores, que estavam disponíveis para a coleta de informações, todos residentes em Minas Gerais¹⁰. O estudo, portanto, é fundamentado em dados de opinião. Nesse caso, as percepções e atitudes são tomadas como as principais evidências para compreender as razões que levaram os eleitores a votar em Bolsonaro frente às suas expressões de viés machista ou homofóbico, avaliando se tais eleitores identificam-se, ou não, com as falas do candidato eleito.

Se, por um lado, a abordagem qualitativa não permite a generalização de suas conclusões, por outro permite conhecer em minúcias os fatores associados ao comportamento dos entrevistados e a forma como vários fatores operam, incentivando ou constringendo o comportamento pró-Bolsonaro. Se, por um lado, essa metodologia não permite generalizar os resultados para o universo do eleitorado brasileiro com precisão, por outro permite a inferência, ou seja, podemos supor que outros eleitores com perfis parecidos com o perfil social dos entrevistados analisados tendem a se comportar de maneira parecida. Adotamos como técnica de análise dos resultados a ‘análise de conteúdo’ (BARDIN, 2011).

As entrevistas são gravadas em arquivos de áudio com o devido consentimento dos entrevistados. O consentimento é formalizado através das assinaturas dos pesquisadores e dos entrevistados. Para cada entrevistado, os pesquisadores apresentam duas vias do termo, sendo que uma via permanece na posse do entrevistado e outra em poder dos pesquisadores. Esse documento contém todo o esclarecimento a respeito da pesquisa e, além disso, a garantia de que a identidade do

⁹ O roteiro é apresentado em anexo, ao final do artigo.

¹⁰ Quatro entrevistados residem em Cláudio e quatro residem em Campanha.

entrevistado será mantida em sigilo. Por isso, o nome real dos entrevistados é substituído por um codinome. Nesses termos, os resultados são apresentados a seguir.

4. Resultados da pesquisa

Foram realizadas oito (8) entrevistas gravadas em arquivos de áudio. O grupo de entrevistados apresenta o seguinte perfil:

Quadro 1: Descrição da amostra.

Faixa Etária	Gênero, escolaridade e duração das entrevistas (em minutos e segundos)	
	Masculino	Feminino
20-29	Mário, Ensino Superior incompleto, 5:33. Marcelo, Ensino Superior completo, 7:06.	Maria, Ensino Superior incompleto, 7:46
30-39	André, Pós-graduado, 6:43.	Amália, Ensino Superior incompleto, 8:23.
40-49	Alex, Ensino Fundamental completo, 5:48; Felipe, Pós-graduado, 7:52.	
50-59		Selma, Ensino Superior completo, 3:14.

Fonte: Elaboração própria.

Ressaltamos que a amostra não é representativa. A pesquisa, com objetivo qualitativo, limita-se a apresentar relatos de eleitores bolsonaristas no intuito de ilustrar os padrões do ideário popular que favoreceram o voto em Bolsonaro, apesar de suas ideias de viés machista e homofóbico. Desse modo, poderemos analisar tais falas no intuito de: 1º) compreender as razões que os levaram a votar em Bolsonaro e, na maioria dos casos, a continuar apoiando-o após eleito; e 2º) compreender como esses eleitores entrevistados interpretam o conteúdo de enunciados do presidente que expressam ideias sexistas.

A seguir, o resultado das análises está dividido em três (3) partes. Na primeira parte, apresentamos os resultados relativos aos questionamentos sobre o porquê do voto em Bolsonaro. Na segunda, são analisados os conteúdos das entrevistas que envolvem percepções e atitudes em relação às frases com viés machista e homofóbico do candidato eleito. Por fim, na última parte apresentamos a análise de conteúdos

resultantes de indagações nas quais os entrevistados são estimulados a justificar o voto em Bolsonaro, apesar de suas frases de viés sexista.

4.1. Por que Bolsonaro?

O comportamento político é o conjunto de opiniões, disposições e ações assumidas pelos atores frente às questões políticas e envolve tanto o comportamento de políticos profissionais quanto o comportamento dos cidadãos.

...um ministro de Estado, em seu gabinete, decide pedir demissão em consequência de um desacordo com seus colegas; um eleitor, na cabine indevassável, resolve a que candidato dará seu voto, um funcionário público redige uma minuta sugerindo modificações em determinada orientação proposta; um parlamentar inclui uma passagem deliberadamente sensacional no discurso sobre o que faria seu partido se voltasse ao poder. Cada um desses quatro homens está tomando uma decisão política (BUTLER, 1958, p.11).

O comportamento político é um fenômeno complexo, composto por opiniões, atitudes e condutas dos atores frente às questões políticas. A formação/efetivação do comportamento político depende de percepções, valores, crenças (cultura), necessidades e interesses (economia), bem como do sistema político (regime autoritário ou democrático¹¹).

Meynaud e Lancelot (1966) descrevem o comportamento político em suas três dimensões (variáveis componentes): a opinião (comportamento verbal), a atitude (disposição para agir de determinada maneira) e a conduta (o comportamento efetivo, a ação em dado momento). O comportamento político nem sempre pode ser conhecido diretamente, mas apenas através de suas variáveis componentes (opiniões, atitudes e condutas), através das quais o ator expressa crenças, valores, informações (sobre política), percepções, ideologias, interesses e necessidades, tais como outros fatores fundamentais para o comportamento. Muitas das pesquisas sobre comportamento não têm acesso às condutas efetivas dos informantes. Por isso, resta recorrer às declarações verbais dos entrevistados como fonte de conhecimento das opiniões e atitudes que são indicadores de disposições para condutas efetivas. As

¹¹ Entre os países democráticos existem variações no grau em que a democracia avançou. Reconhecemos que essa variação é relevante para entendermos a profundidade em que direitos e liberdades variam entre as diversas democracias do mundo.

atitudes são disposições que o sujeito declara frente às situações hipotéticas específicas. Grande parte das pesquisas comportamentais se pauta na abordagem das atitudes; portanto, a noção de atitude é amplamente definida e debatida no âmbito das pesquisas acadêmicas.

Adotamos como técnica de análise dos dados a análise de conteúdo (Bardin, 2011), através da qual realizamos a análise temática. Esta é possível através da codificação das unidades de registro. Trata-se de selecionar e agregar os dados brutos como evidências de temas representados por códigos (categorias) através dos quais se organiza a descrição analítica do conteúdo. Nesses termos, constatamos seis (6) categorias temáticas que sintetizam os diversos argumentos expressos pelos entrevistados.

Quadro 2: Justificativas para o voto em Bolsonaro (em categorias temáticas).

CATEGORIAS TEMÁTICAS	ELEITORES ENTREVISTADOS
Busca do novo, desejo de mudança.	André, Selma, Marcelo, Alex.
Antipetismo.	Selma, Maria, Luís, Amália.
Combate à corrupção.	Luís.
Identificação com os princípios morais de Bolsonaro.	Mário.
Atentado contra Bolsonaro.	Marcelo.
Influência das pessoas com quem convive.	André.

Fonte: Elaboração própria.

As categorias temáticas contidas no quadro 2 sintetizam os argumentos que os eleitores expressaram para justificar o porquê de suas condutas, isto é, de terem votado em Bolsonaro. Por exemplo, Luís justificou que sua escolha por Bolsonaro se deveu a dois motivos: a rejeição ao PT (Partido dos Trabalhadores) e a crença de que Bolsonaro seria o candidato mais confiável para combater a corrupção.

Eu tive preferência pelo candidato, considerado de extrema direita, porque já estava muito desanimado com o Partido dos Trabalhadores. Mesmo não concordando muito com a maneira do

candidato vencedor, eu achei que ainda ia ser melhor do que permanecer o Partido dos Trabalhadores no poder, considerando tudo que aconteceu. (Luís)

Luís explicita sua rejeição ao PT como razão pela qual votou em Bolsonaro. Os casos de corrupção que envolveram lideranças desse partido, entre o Escândalo do Mensalão e a Operação Lava Jato, foram veiculados por diversos meios de comunicação e se tornaram amplamente conhecidos pelos brasileiros. Em outro trecho da entrevista (apresentado seção 4.3) Luís se refere à corrupção. Certamente, os escândalos de corrupção compõem um dos fatores que agravaram o comportamento antipetista. A rejeição ao PT foi uma das condutas mais frequentes entre muitos eleitores para justificar o voto em Bolsonaro, pois o candidato convenceu grande parte dos eleitores de que faria um governo de mudança e de implantação de uma “nova política”. A fala de Selma sintetiza o antipetismo com a vontade de mudança.

90

ENTREVISTADOR: Em quem a senhora votou para presidente na última eleição? Por quê?

SELMA: Bolsonaro. Na esperança de uma mudança mais intensa de quebrar o domínio do PT, mas consciente de que ninguém governa sozinho.

A percepção de que Bolsonaro representou a mudança foi, também, a tônica de outros entrevistados, como Marcelo. Ao ser questionado sobre o que pensou dos demais candidatos, o respondente expressa a percepção de que só identificou em Bolsonaro a real alternativa de mudança.

Eu diria que a maioria dos discursos dos outros candidatos foi um pouco superficial. Eles falaram basicamente das mesmas coisas, dos mesmos planos de negócios e deu a entender, em relação ao Jair Messias Bolsonaro, que o Jair Bolsonaro seria o candidato que visava mais a mudança da atual conjuntura política nacional. (Marcelo)

As pessoas que acompanharam as eleições sabem que a percepção de Marcelo não corresponde à realidade do que ocorreu. Entre os demais candidatos, houve discursos e planos de governo que não foram, necessariamente, superficiais. Do mesmo modo, não é verdade que os demais candidatos propunham os mesmos planos; afinal, ocorreram debates nos quais as diferentes perspectivas eram

evidenciadas. A percepção distorcida de Marcelo sobre as eleições é fruto de “déficit de informação”, fenômeno muito frequente no eleitorado brasileiro e que é evidenciado por outros entrevistados. Contrariando a percepção do entrevistado, Bolsonaro não foi tão eficiente em detalhar seu plano de governo, até porque foi quem menos participou dos debates.

A ausência do presidenciável nos debates se deveu às suas condições de saúde após o atentado do qual foi vítima. Possivelmente, a facada que vitimou Bolsonaro foi um dos fatores que reforçaram sua imagem no ideário popular; afinal, o atentado recebeu ampla cobertura da mídia e isso, em alguma medida, favoreceu o candidato, que de agressor de minorias passou à condição de vítima. Em contrapartida, o atentado contra Bolsonaro pode ser entendido como expressão de um eleitorado que se divide em relação ao candidato, ou seja, enquanto uns o consideram um mito, outros o odeiam a ponto de atentar contra sua vida. Marcelo expressa espontaneamente essa percepção ao ser questionado sobre algo que teria chamado sua atenção durante as eleições.

91

Em relação aos encontros políticos que os candidatos tiveram nas cidades, uma das coisas que chamou bastante atenção foi o atentado a vida do Bolsonaro. Isso mostrou que a população tava dando ibope pra ele e, no entanto, os... as... as ideias dele, de governo, tava causando algumas controvérsias em relação ao que a população desejava pro país. (Marcelo)

De acordo com a declaração dos entrevistados, outros motivos para o voto em Bolsonaro seriam a influência de outras pessoas (do meio de convívio) e a identificação com os princípios morais do candidato. André argumentou que votou em Bolsonaro devido à influência de pessoas do seu meio social, além da busca de algo novo.

ENTREVISTADOR: Em quem o senhor votou para presidente na última eleição? Por quê?

ANDRÉ: Bolsonaro. Ah... porque tava..., na verdade, em busca de algo novo, né! Claro que existe uma decepção muito grande, atual, mas foi em busca de algo novo... e mais por influências inclusive.

É curioso o fato de tantos eleitores terem identificado Bolsonaro como algo novo na política, uma vez que se tratava de um político com trinta (30) anos no legislativo. Assim, “as influências” que levaram André a votar em Bolsonaro podem ser

a fonte da origem de um eleitor que não se informou muito sobre a carreira do candidato. André é o único dos entrevistados que manifesta arrependimento por ter votado em Bolsonaro. O entrevistado justifica que uma de suas decepções se deveu à redução de orçamento para as universidades públicas.

Um dos entrevistados, Mário, manifestou ter votado em Bolsonaro por identificar-se com seus princípios éticos e morais. Identificamos na fala de Mário que tais princípios seriam a honestidade e a meritocracia.

ENTREVISTADOR: Em quem o senhor votou para presidente na última eleição? Por quê?

MÁRIO: Jair Bolsonaro. Porque é... foi o único candidato com quem eu me identifiquei nos meus princípios éticos e morais e que suas propostas foram condizentes com isso. Então... nós podemos pensar que ele... a sua política foi feita limpa sem nenhum privilégio. Seus ministros foram escolhidos sem nenhum intuito político, foram pela competência e... e... deles, né!

A percepção de Mário envolve crenças. O entendimento de que a política de Bolsonaro é feita de forma “limpa” e sem privilégios é uma crença, pois não se pode ter certeza de que, em trinta anos de vida pública, Bolsonaro nunca usufruiu de privilégios, assim como não há garantias de que nunca tenha incorrido em algo ilícito, ainda que nunca tenha sido flagrado em tal infração. Do mesmo modo, a percepção de que os ministros foram escolhidos sem intuito político é uma crença consideravelmente questionável, pois, para um presidente da República, todas as suas ações levam em conta as influências dos demais poderes e dos partidos que se dispõem a apoiar o governo, assim como geram repercussões políticas.

Percebemos que o voto em Bolsonaro não foi justificado, por nenhum dos entrevistados, em função das declarações de viés machista e homofóbico do candidato. As oito entrevistas indicam que as principais causas do voto em Bolsonaro são: o antipetismo, a busca por mudança e por algo novo, a defesa do combate à corrupção, a identificação com valores morais do candidato (honestidade e meritocracia), a influência de outras pessoas e o atentado que vitimou Bolsonaro. Os resultados sugerem que esses fatores podem ter reforçado a intenção de voto.

Nessa seção, analisamos o comportamento político dos entrevistados nos termos de Meynaud e Lancelot (1966), isto é, buscando identificar as opiniões

(comportamento verbal), as atitudes (disposição para agir de determinada maneira) e as condutas (o comportamento efetivo, a ação em dado momento) dos mesmos. Identificamos opiniões que expressam percepções e crenças sobre Bolsonaro e suas condutas, ou seja, o voto no candidato. Na próxima seção serão analisadas as reações dos entrevistados frente às declarações sexistas de Bolsonaro.

4.2. Reação dos entrevistados às frases de Bolsonaro

Neste tópico, apresentamos as narrativas baseadas na reação dos entrevistados às frases de viés machista e homofóbico expressas por Bolsonaro. Apresentamos também uma frase¹² da atual ministra Damares Alves, da pasta da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

A primeira frase foi: “Não empregaria uma mulher com o mesmo salário de um homem, porque a mulher engravida”. Obtivemos cinco respostas discordantes, quatro de homens e uma de mulher. Dois informantes não concordaram e nem discordaram. Seguem algumas respostas na íntegra:

MARIA: Discordo, porque a mulher por mais que ela engravida, ela tem um conhecimento e um valor pra agregar que faz diferença na empresa.

MARCELO: Eu discordo e discordo porque a mulher tem as mesmas chances de desenvolvimento profissional ou deveria ter e eu acredito na capacidade feminina de trabalho também.

ANDRÉ: Discordo, porque eu acho que tem que ver a competência técnica e isso não tem nada a ver com gênero, inclusive eu acho que deveria isso ser expandido para o homem também; eu acho que o pai deveria ter os mesmos benefícios que a mulher.

LUÍS: Essa frase aí parece que quem disse foi o Bolsonaro, né? Aí você quer saber o que é que eu acho?

ENTREVISTADOR: É se você concorda, discorda e por quê?

LUÍS: Eu discordo, por que... Eu acho que a mulher pode às vezes ser até mais competente que os homens, o fato dela engravidar é um período só, eu já trabalhei com mulheres muito inteligentes e competentes na minha área, e... Eu vejo que o fato de engravidar não é um problema não.

¹² No dia 16 de abril de 2019, a Ministra expressou que: “A mulher deve ser submissa ao homem no casamento”.

Pelas respostas acima, é notável como cada sujeito percebe a questão de gênero. Sabemos que o conceito de gênero emergiu no Ocidente por meio do movimento feminista. Trata-se de um movimento relacionado à luta por igualdade de direitos que remete à Revolução Francesa, à luta pelo voto (sufragismo) e ao abolicionismo estadunidense. Alguns países, como Inglaterra, França e Estados Unidos foram os pioneiros no tocante a esse “pontapé inicial” de luta pró-feminismo, ou, como ficou conhecido, a “primeira onda feminista”¹³. É importante salientar que, a partir dos séculos XIX e XX a busca pela visibilidade feminina começou a ser alvo de várias áreas da ciência, como História, Antropologia, Sociologia, etc.

A argumentação principal, sustentada pelas feministas é a luta pela desconstrução do biológico enquanto justificador das desigualdades entre homens e mulheres. As perguntas referentes à frase¹⁴ de Bolsonaro é justamente uma apologia a essa desigualdade. Como aponta Louro (2014, p. 25): “Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar – a desigualdade social.”

É possível perceber, pelas respostas, que a discordância em relação ao enunciado proferido por Bolsonaro se dá em relação ao sentido do biológico enquanto cerne da desigualdade de gênero no trabalho. Contudo, a frase “por mais que ela engravide” sugere uma parcial concordância, que também pode ser percebida nos dizeres a seguir.

SELMA: Concordo que isso seja um dificultador na contratação, mas não concordo da diferença salarial se o trabalho é o mesmo.

ANDERSON: Em termos, isso aí, isso manda muito pra empresa... que eu concordo e discordo, depende do tipo de cargo e função.

Pelas duas respostas acima, é possível perceber que há um reconhecimento explícito da dificuldade de contratação devido à gravidez, como se o fato de a mulher engravidar diminuísse sua força de trabalho e sua qualidade laboral. De igual modo, o

¹³ A chamada Primeira Onda Feminista teria ocorrido no século XIX e avançado pelo começo do século XX.

¹⁴ “Não empregaria uma mulher com o mesmo salário de um homem, porque a mulher engravida”.

cargo ou a função foram citados como possíveis justificativas que corroboram a frase de Bolsonaro.

Também reproduzimos a seguinte declaração de Bolsonaro: “Nenhum pai tem orgulho de ter um filho gay” para saber se os entrevistados concordavam ou discordavam.

ALEX: Hoje eu (gaguejando) discordo, hoje acabou esse preconceito, isso aí pra mim não interfere em nada.

MARIA: Eu... concordo, porque os pais, se eles têm um filho homem, eles sonham em ter um filho homem, eles querem um filho homem, e no caso, quando esse filho ele se transforma se rebela, os pais não reconhecem o filho, então eu acho que para os pais é uma decepção muito grande.

MÁRIO: Eu discordo, não há como concordar, mas essa palavra é muito forte, tem pais com a cabeça aberta que não têm preconceito, mas isso é uma realidade, a maioria dos pais não aceitam, isso é uma verdade que precisa ser dita.

MARCELO: Eu concordo e discordo ao mesmo tempo. Ainda que a pergunta seja para respostas de concorda e discorda eu fico no meio termo, porque a gente tem um filho, seja ele homem ou mulher, a gente espera que esse filho constitua uma família de sangue e, tendo um filho que traz outro homem para dentro de casa, ainda que eu não tenha problema com isso, acaba que a linhagem de sangue dessa família vai se perder.

SELMA: Sim, a grande maioria não se sente confortável com a situação, ao menos inicialmente.

LUÍS: Ah! Eu acho que isso aí é um problema superado na minha cabeça. Se meu filho um dia resolver ser gay, eu acho que já superei algum preconceito que eu pudesse ter no passado.

Algumas das respostas podem ser lidas lembrando o que afirma Foucault (2010, p. 55): “A sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou como reação à sua hipocrisia: é perversa real e diretamente”. Em outros termos, foi pela implantação das perversões, enquanto resultado de uma classificação binária entre o normal e o anormal, que, a partir do século XIX, criou-se um campo de intervenção e consolidação dessas sexualidades no sentido de isolá-las, analisá-las e consolidá-las como controle e vigilância de suas condutas. A família, segundo Foucault (2010), é a instituição responsável por manter uma aliança como dispositivo para transmissão do

sangue, do nome, do patrimônio, do parentesco, da linhagem. Neste sentido, a homossexualidade romperia com essa aliança familiar:

A família é o permutador da sexualidade com a aliança: transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo de sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança (FOUCAULT, 2010, p. 119).

Assim, é notório que o tema da homossexualidade ainda incomode muitas pessoas ao ponto de se referirem a ela como um assunto em suspenso, proibido, censurado ou como um mistério que não se deve pronunciar. Nas respostas de Maria e Marcelo, fica claro que, quando a família é confrontada com a presença de um homossexual, esta sente-se na iminência de perda da linhagem de sangue, que, por vezes, desdobra-se em manutenção de patrimônio e *status*. Embora não tenha sido citado, sabemos que para tentar regular esse “desvio”, ou; nos termos de Foucault (2010): “figuras mistas de alianças desviadas e da sexualidade anormal”; as famílias recorrem a todo tido de aparato. Conforme aponta o autor:

96

Os pais, os cônjuges, tornam-se, na família, os principais agentes de um dispositivo da sexualidade que no exterior se apoia nos médicos e pedagogos, mais tarde nos psiquiatras, e que, no interior, vem duplicar e logo “psicologizar” ou “psiquiatrizar” as relações de aliança (FOUCAULT, 2010, p.121).

Portanto, houveram relatos que apontaram aceitação ou pseudoaceitação da homossexualidade na família, ou mesmo um preconceito já superado, indicando um caminhar condizente com o alcance. Na sequência, apresentamos aos entrevistados outra citação de Jair Bolsonaro: “A sociedade brasileira não gosta de homossexual”. Diante dessa afirmação, as respostas foram:

MARIA: Eu concordo que eles não gostam, mas eu não vejo isso como um fator pra gente julgar e enxergar eles também estranhos, porque é aquela questão: a gente não quer ter na família, mas a gente não pode julgar, acaba que se acontecer de ter um gay, um homossexual na família, você acaba encarando e aceitando isso futuramente, quando você vê que não tem mais jeito, quando você vê que a pessoa fez essa escolha na vida. Eu não concordo com discriminação que está tendo hoje em dia, as pessoas assediarem, baterem, eu não concordo.

MÁRIO: Mesma coisa da frase anterior: a sociedade não toda, mas é só você olhar na televisão, tantos acontecimentos, tantas mortes, por

causa da opção sexual, muita gente não gosta, e foi... e é uma verdade, isso é uma verdade. Muita gente não gosta.

MARCELO: Eu concordo, eu acredito que a sociedade brasileira é preconceituosa, ela ainda não encara as diversidades sexuais de forma igualitária; eu acredito que a sociedade brasileira é conservadora.

ENTREVISTADOR: Sim, sim, e você, como você lida com homossexuais no seu ciclo de convivência?

MARCELO: Eu não tenho problema algum, até por que eu tenho familiares homossexuais, e eu não tenho problema algum, de andar com eles, estar com eles.

LUÍS: Essa frase eu acho que tem sentido, porque a sociedade brasileira tem essa coisa ainda de muito preconceito; é uma sociedade que, nesse ponto, está muito atrasada, e eu falo isso considerando a experiência que eu tenho de Canadá. Lá não existe essa coisa como tem no Brasil, de ficar fazendo muita piada porque o outro é gay, pela preferência sexual dele ser diferente, ridicularizando o outro por causa disso; então eu acho que tem lógica porque a sociedade brasileira ainda tem muito preconceito com homossexual.

97 O exposto acima reforça o que já foi apresentado: a aliança enquanto um valor do modelo familiar. A fala de Luís nos lembra que a masculinidade no Ocidente tem sido construída com base na diferenciação do outro gênero – no caso a mulher e a feminilidade. Não é à toa que a brincadeira jocosa com a feminilidade de outro homem pode ser a pior maneira de castigá-lo socialmente. E, fazendo isso, o “algoz” agrega valor masculino a sua imagem. A frase de Ana “Quando você vê que não tem mais jeito” mostra como perdura a tentativa de reverter a sexualidade alheia. É comum ouvir de filhos homossexuais que os pais sabem que o assunto não é tocado na família, como se esta não soubesse ou o assunto fosse alvo de censura. Como argumenta Foucault (2010, p. 94),

(...) não se deve falar até ser anulado no real; o que é inexistente não tem direito de manifestação nenhuma; mesmo na ordem da palavra que enuncia sua inexistência; e o que deve ser calado encontra-se banido do real como o interdito por excelência.

Também aparece na resposta de Marcos a palavra “verdade” como uma realidade que está no cerne da sociedade brasileira. Seria uma representação

produzida pelo discurso relacionado com o poder enquanto mecanismo que sustenta o complexo da binariedade de gêneros e sexualidades. Segundo Foucault (2010, p. 112):

O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarda ao poder, fixam suas interdições; mas, também afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras.

A última declaração apresentada para os entrevistados foi a da Ministra Damares Alves: “A mulher deve ser submissa ao homem no casamento”. Em reação a esse enunciado, os informantes apresentaram os seguintes pontos de vista:

MARIA: Eu discordo. Ela não tem de ser submissa, não, porque ela trabalha e se, algum dia, no caso, por mais que ela é mais frágil que o homem em relação à família porque ela tem filho e ela tem uma responsabilidade em casa maior que o homem, mas isso não quer dizer que ela não vive sem o homem. Ela não tem de ser submissa a ele porque hoje as mulheres estão inseridas no mercado de trabalho e muitas vezes elas têm um cargo melhor e ganham mais que eles, então elas não têm de ser submissas, não.

MÁRIO. Essa frase foi dita pela Damaris Alves, a ministra. Ela foi infeliz ao dizer isso, mas, ao passo que isso foi devido à conduta religiosa dela, não podemos concordar com isso, mas foi a fala da ministra e, ao mesmo tempo, podemos pensar que ela não poderá fazer nada para influenciar a submissão da mulher no casamento.

ALEX: Ai.. Ah! Hoje eu discordo, porque hoje há igualdade dentro de casa, nem todas as famílias, mas a igualdade está em todas... Tanto homens quanto mulheres em tudo.

LUÍS: Essa frase parece até coisa da religião evangélica, né? Porque eles seguem isso muito é... à risca, isso tá ligado muito a religião, os evangélicos que seguem essa coisa nesse sentido que o homem é a cabeça e a mulher deve ser submissa.

Entrevistador: Você concorda com isso?

LUÍS: Em minha opinião, os dois devem trabalhar no mesmo nível, né? Tem de ser uma parceria e não submissão. Na sociedade é como se fosse duas colunas que sustentam, né? Então não tem que ter submissão a outra, porque isso é coisa atrasada. Como eu falei, parece coisa de religião que coloca a mulher como submissa ao homem.

Pelas visões apresentadas, é possível perceber que: primeiramente, a afirmação da ministra reproduz a ideologia de sua religião e que, segundo o

entrevistado Mário, a fala de Damares não influenciaria o papel da mulher no casamento. Contudo, referimo-nos a uma pessoa com cargo político importante que, provavelmente, dirige seu discurso para um grupo da população que espelha sua visão, no caso, os evangélicos radicais, o núcleo duro da matriz pentecostal que. Como aponta Pierucci houve um aumento significativo do movimento pentecostal no Brasil:

Foi nos últimos vinte anos do século XX que as taxas de crescimento do conjunto dos evangélicos mais subiram. E foi durante os anos 1990 que eles atingiram um crescimento de fato extraordinário; no intervalo de uma década cresceram a uma taxa próxima de 100%. Ou seja, dobraram de tamanho, saltando de 13 para 26 milhões. Se se ajusta mais o foco para observar por dentro o avantajado crescimento evangélico, vai-se constatar que o verdadeiro protagonista dessa admirável expansão do protestantismo ou, dito pelo avesso, o principal agente acelerador do declínio católico é o movimento pentecostal. (apud BOTELO; SCHWARCZ, 2012, p. 67).

Assim, seria ingênuo imaginar que a fala de uma representante dessa corrente religiosa não teria impacto na opinião pública. Merece nota a opinião de Maria, segundo a qual, “por mais que ela (a mulher) é mais frágil que o homem, em relação à família, porque ela tem filho e ela tem uma responsabilidade em casa maior que o homem, mas isso não quer dizer que ela não vive sem o homem”. A entrevistada nos remete, com sua fala, à eterna oposição binária fraco-forte, público-privado, independência-dependência. Enfim, uma relação de pares em que a mulher parece estar sempre no polo da fragilidade. Tais diferenças parecem ser fundadas em uma crença subjetiva em que a entrevistada reconhece (sutilmente) a dominação do masculino sobre o feminino.

Certamente, não passa pela cabeça da entrevistada que homens e mulheres são seres humanos vivendo em um processo de rearranjos, negociações e conflitos. Assim, o dualismo entre dominação e dependência pode não condizer com a prática de relação do cotidiano, principalmente na contemporaneidade, com novos papéis desempenhados por mulheres e pela crise da masculinidade hegemônica no tocante ao seu poder dominante.

4.3. O voto em Bolsonaro apesar das frases de viés machista e homofóbico

A análise de conteúdo das entrevistas revelou que os diversos argumentos dos entrevistados podem ser sintetizados em cinco categorias temáticas expressas no quadro 3.

Quadro 3: Categorias temáticas para justificar o apoio a Bolsonaro, apesar das frases.

CATEGORIAS TEMÁTICAS	ENTREVISTADOS
Discorda das frases, arrependeu-se de ter votado em Bolsonaro. ¹⁵	André
Discorda das frases, mas acredita que tais ideias não interferem no governo. É uma convicção pessoal do candidato.	Selma, Marcelo, Alex, e Luís
Discorda das frases, não reconhece machismo e homofobia em Bolsonaro. As frases devem ser situadas ao contexto.	Mário
Concorda parcialmente com as frases. Reconhece homofobia na sociedade, mas expressa tolerância com a homossexualidade.	Amália
Concorda parcialmente com as frases. Mas a percepção subjetiva de Bolsonaro não interfere em seu governo.	Maria

Fonte: Elaboração própria.

Iniciamos o relatório da análise com o caso de Luís, entrevistado que justificou seu voto em Bolsonaro pelo antipetismo. Como expresso na seção 4.1, o antipetismo é, em certa medida, associado à corrupção devido aos escândalos envolvendo lideranças do PT. Seguindo esse raciocínio, Luís argumenta que, no seu ponto de vista, as frases expressas pelo candidato não seriam relevantes para o governo do presidente.

Eu tinha conhecimento dessas coisas que ele falava, mas no meu entendimento isso não iria interferir em partes mais relevantes da política do Brasil que precisava ser corrigido, principalmente o combate à corrupção. Essa parte aí não afetaria e o que a gente tá vendo é esse combate à corrupção. Não sei se está tendo efeito, mas eu espero que esteja havendo uma evolução, né? (Luís)

¹⁵ André apontou a redução do orçamento das universidades federais como um dos principais motivos de sua decepção com Bolsonaro.

No trecho acima, Luís expressa a crença de que a presença de Bolsonaro na presidência seria a maneira mais efetiva de garantir o combate à corrupção, mesmo reconhecendo o viés machista e homofóbico de Bolsonaro. A percepção de que o pensamento de viés machista e homofóbico expresso pelo presidente não interfere no seu governo também foi expressa por outros entrevistados, como Alex.

Alex discorda do conteúdo das frases, pois entende que foram erros do seu candidato, mas considera compreensível, porque errar é humano. Apesar disso, ressalta que Bolsonaro está acertando em suas medidas como presidente.

ENTREVISTADOR: O senhor acha apropriado que pessoas com cargos públicos relevantes expressem tais ideias? Por quê?

ALEX: Isso aí até que eu não concordo muito nessas, nessas... como ele hoje num cargo público e era, né?... eu acho que, como todos nós somos seres humanos, eles foram errados nessa parte. Mas acho que tem muitas das questões que tão acertando... porque não é só isso pra presidência um país.

ENTREVISTADOR: Na sua opinião, então está sendo mais positivo do que negativo?

ALEX: Muito mais, bem mais positivo.

ENTREVISTADOR: O que de positivo você acha que de melhor tá tendo?

ALEX: Ah, ah, ah... (gaguejou) a esse curto prazo, ainda num... eu acho que... (silêncio)... eu tô com esperança. A curto prazo... pegou um país destruído, em termos, no meu modo de pensar... pegou um país destruído. E... com essa política, eu não tô falando de partido, eu acho que no nosso país os partidos em geral acabou (sic) com o nosso país, os políticos que estavam lá... e pra ele... e pra ele, um presidente, conseguir fazer alguma coisa vai demorar. Porque depende dos ministros que estão lá, que já estavam lá. Muitas pessoas, deputados e muitas pessoas que já estavam lá, e vai segurar muita coisa.

Ao ser questionado sobre quais seriam os aspectos positivos do governo Bolsonaro (nessa ocasião com quatro meses na presidência), Alex não apresentou respostas, mas apontou obstáculos para o governo por parte dos demais políticos (deputados e ministros). O entrevistado afirma ter esperança, fator que podemos compreender como elemento de crença do comportamento político.

Entre os entrevistados que discordam das frases, dois não reconhecem machismo e homofobia por parte de Bolsonaro, pois consideram que as citações são

apresentadas fora de contexto e, se situadas no contexto em que foram expressas, pode-se provar que o candidato eleito em 2018 não veicula ideias machistas e homofóbicas. Esse é o caso de Mário e Amália.

Literalmente como está escrita, eu sou totalmente contra a expressão dessas frases. Mas nós devemos pensar no contexto em que elas foram ditas, né? Então, nós devemos pesquisar mais, procurar saber mais, no contexto que elas foram ditas, pra poder é... é... discernir o que... se ele disse isso mesmo ou foi pegado solto e jugado aqui. Inclusive é... muitas coisas que ele disse é verdade... isso é uma realidade, entendeu? (Mário)

102 É notável que Mário discorda das declarações e insinua que o pensamento de Bolsonaro não seja afinado com o conteúdo das frases, tais como são apresentadas. Para esse entrevistado, as frases assumem a conotação machista e homofóbica por serem apresentadas fora de contexto, por isso a necessidade de pesquisar sobre o candidato para situá-las. Todavia, contraditoriamente, Mário afirma que muitas afirmações de Bolsonaro são verdadeiras. Em outros trechos da entrevista, o respondente concorda que é verdade que a sociedade brasileira não gosta de homossexual e que nenhum pai gostaria de ter um filho gay. Também afirma que é verdade que empregadores preferem empregar um homem a uma mulher. O conteúdo das respostas desse entrevistado revela o viés de aquiescência, ou seja, não assume determinadas crenças consideradas politicamente incorretas, mas reconhece que a sociedade as corrobora.

Amália apresenta argumentos parecidos com os de Mário. A entrevistada concorda parcialmente com uma frase e reconhece que as crenças que corroboram a homofobia estão difundidas na sociedade. A participante cita o caso de uma amiga lésbica que não gostaria que sua filha viesse a ser homossexual. Questionada sobre a frase de Bolsonaro, “Nenhum pai tem orgulho de ter um filho gay”, Amália argumenta:

AMÁLIA: Eu tenho uma amiga que ela é lésbica, a gente conversa muito. Não sei se foi nesse contexto que ele quis dizer. Ela mesma me disse que se pudesse escolher ela não seria lésbica. Então eu imagino que, talvez, pode ter sido nesse contexto, no orgulho, assim... porque nenhum pai sonha em ter

um filho gay, quer uma família tradicional, netos... mas não quer dizer que ele não vá mais respeitar o filho com a opção que ele escolher quando ele tiver maior, né?

ENTREVISTADOR: Você acha que um filho gay seria um problema para a família?

AMÁLIA: Não. Problema, não. Mas até pro filho... igual essa amiga minha, ela teve muita dificuldade em se assumir. É... ela teve muita dificuldade com o pai dela que não aceitava, ela teve uns problemas com ele assim... de certa forma até hoje. E ela acha que os relacionamentos homoafetivos são bem mais difíceis de lidar do que um heterossexual. Então, assim... são palavras dela, se ela pudesse escolher, não era o que ela escolheria para a vida dela, mas ela nasceu assim, então ela se aceita assim hoje, né?

Esse tipo de depoimento corrobora a percepção de que existe homofobia na sociedade brasileira. Amália e Mário não concordam totalmente com os enunciados apresentados, mas, de algum modo, ratificam suas ideias e chegam ao entendimento de que a homofobia é uma realidade em nossa sociedade. Pensamento parecido é expresso por Maria, que ainda entende que as opiniões pessoais de Bolsonaro não têm influenciado seu governo.

103

ENTREVISTADOR: As frases sobre as quais discutimos anteriormente foram expressas por Jair Bolsonaro e por sua ministra Damares Alves. A senhora sabia?

MARIA: Sim. Eu sei pelo fato que o Bolsonaro, ele tem uma opinião própria a respeito de homossexual; ele enxerga que nem a maioria das pessoas enxergam. Porque você não quer ter um filho, uma filha, que conviva com isso desde cedo, que ache que isso é normal. Eu quero que meu filho cresça numa sociedade sabendo que tem homem e tem mulher, e o normal na vida, na ciência, em tudo, é o homem e a mulher. Então eu não quero que o meu vizinho, ter um vizinho que seja assim e o meu filho enxergue isso como normal desde pequeno. Eu não quero que seja ensinado isso nas escolas, porque eu acho que a criança tem uma idade correta de entendimento pra essas coisas, então eu não concordo com isso.

ENTREVISTADOR: A senhora acha apropriado que pessoas com cargos públicos relevantes expressem tais ideias? Por quê?

MARIA: Eu acho que expressa, muitas vezes na maneira dele se comunicar e na maneira que ele vai conduzir o assunto a respeito disso. Mas em relação às atitudes no meio profissional

a gente tá vendo que ele tá fazendo as coisas pra melhorar. Eu não tô achando que ele tá excluindo nenhum gay e tá, no caso, separando a sociedade em população normal e população homossexual, ele não tá fazendo isso.

Maria entende que a percepção de Bolsonaro é partilhada pela maioria da população e que, de certo modo, isso explica como as frases de viés machista e homofóbico não inviabilizaram o sucesso eleitoral daquele candidato. Maria demonstra uma percepção da vida social como dividida entre normais e anormais, de modo que os homossexuais seriam enquadrados nesta última categoria. A entrevistada expressa o desejo de que seu filho cresça em um meio social onde encontre bem demarcado que a heterossexualidade é normal e a homossexualidade anormal. Maria não percebe que a noção de normalidade resulta de um processo histórico de construção social (BERGER & LUCKMANN, 2004) muitas vezes arbitrário e injusto. Ao ser questionada se seria apropriada a expressão de frases, como as de Bolsonaro, por pessoas no exercício de cargos públicos, a entrevistada não responde com precisão, mas argumenta que o presidente tem feito o seu melhor e que não está excluindo nenhum gay, mas que está separando a população em normais e anormais.

104

5. Considerações finais

Os dados resultantes das entrevistas evidenciam que as declarações de viés machista e homofóbico, expressas por Bolsonaro, não foram determinantes para que os entrevistados votassem ou não no candidato. Os principais motivos pelos quais os eleitores entrevistados justificam o voto em Bolsonaro são a busca pela mudança, o antipetismo e o combate à corrupção.

Através da interpretação das entrevistas, compreendemos que os eleitores de Bolsonaro apresentam um comportamento político fundamentado na atitude de que jamais votariam no PT. Em alguns casos, a rejeição a esse partido é associada à corrupção, o que se deve aos escândalos envolvendo suas lideranças ao longo dos anos em que Lula e Dilma estiveram no comando do executivo federal. Outros partidos, tradicionais da política nacional, também se encontram em descrédito frente à opinião pública. Nesse cenário, muitos eleitores, tais como os abordados nesta

pesquisa, acreditaram que Bolsonaro seria a mudança mais consistente. Provavelmente, essa crença foi produzida pelo fato de o candidato eleito ter se posicionado, ao longo dos últimos anos, contra pautas usualmente defendidas pela esquerda e pelo PT. Como consequência dessa associação de ideias, os eleitores bolsonaristas acreditaram que seu candidato seria a melhor alternativa para garantir o combate à corrupção.

Compreendemos o comportamento político dos entrevistados como um complexo de opiniões que revelam percepções e crenças sobre a política que, possivelmente, tem origem na atitude anti-PT e que culmina na opção por votar em Bolsonaro. Percebemos que, algumas vezes, as opiniões expressas pelos entrevistados revelam percepções e crenças incongruentes com a realidade política eleitoral, fenômeno que certamente é reforçado pelo precário nível de informação desses eleitores.

Após ser exposta às frases de teor machista e homofóbico do candidato, parte dos entrevistados afirma discordar do seu conteúdo e outra parte demonstra concordar parcialmente. Nos dois casos, os entrevistados acreditam que tais falas de Bolsonaro não devem afetar seu governo. Ou seja, mesmo quando reconhecem o viés machista e homofóbico da fala do candidato, atenuam o problema através da crença de que o pensamento do presidente sobre as questões de gênero não se traduzirá em retrocessos nas políticas públicas para as minorias em questão.

Apesar de nenhum entrevistado assumir concordância total com as frases de Bolsonaro, constatamos casos de respondentes que, além de concordarem parcialmente, expressam ideias afinadas com as falas do seu candidato, principalmente em relação à homossexualidade. Assim, é possível afirmar que o enunciado, como um tipo de discurso, carrega poderes e verdades. Logo, se por um lado há uma negação do discurso preconceituoso do candidato escolhido contra os grupos minoritários, por outro lado são expressas, sutilmente, ideias preconceituosas em relação às minorias em questão. Alguns entrevistados ficaram, nas entrelinhas, entre o politicamente correto e a corroboração das ideias do candidato, ou seja, expressaram discordar das frases preconceituosas (acompanhando a luta pelas garantias de direitos LGBTQ+ e feministas) e, contraditoriamente, exprimiram

declarações nas quais fica insinuada certa sintonia com o discurso preconceituoso/discriminatório do candidato escolhido para governar o país. No mais, é sabido que os grupos sociais se movem em direção ao som que lhes parece mais afinado com sua convicção política, social, de gênero, de sexualidades etc. Por fim, entender que as falas coletadas foram trabalhadas hermeneuticamente é de suma importância para que não sejam tomadas como uma verdade absoluta no complexo cenário político e social que o Brasil vive, especialmente desde as eleições de 2014, quando se intensificou o dualismo ideológico e político na sociedade brasileira.

Referências

- BARDIN, Laurence. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- BERGER, Peter. LUCKMANN, Thomas. (2004). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- BUTLER, David. (1958). *Comportamento Político*. Rio de Janeiro: Editora Laudes.
- FOUCAULT, Michel. (2010). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal.
- LOURO, Guacira Lopes. (2014). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 16ª Ed. Editora Vozes.
- MEYNAUD, Jean & LANCELOT, Alain. (1966). *As atitudes políticas*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. (2012). *Religiões no Brasil*. In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia MORITZ (orgs.). *Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos*. (Coleção agenda brasileira). Editora: Claro Enigma 1ª Ed. São Paulo.

Anexo

Roteiro semiestruturado das entrevistas:

- 1) Qual a sua idade?
- 2) Qual a sua escolaridade?
- 3) Qual a sua profissão?
- 4) Em quem o senhor(a) votou nas últimas eleições? Por que?
- 5) Qual sua opinião sobre os candidatos à presidência da última eleição? O que mais lhe chamou atenção?
- 6) Qual foi sua principal fonte de informação sobre as eleições? (TV, internet, whatsapp, outros.)
- 7) Vou citar algumas frases, gostaria de saber se o(a) senhor(a) concorda ou discorda e por quê?

-“Não empregaria uma mulher com o mesmo salário de um homem, porque a mulher engravida”.

-“Tive cinco filhos, quatro homens, no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma menina”.

- “Nenhum pai tem orgulho de ter um filho gay”.

-“A sociedade brasileira não gosta de homossexual”.

- “A mulher deve ser submissa ao homem no casamento”.

8) As frases sobre as quais discutimos anteriormente foram expressas por Jair Bolsonaro e por sua ministra Damarens Alves. O senhor(a) sabia?

10) O senhor(a) acha apropriado que pessoas com cargos públicos relevantes expressem tais ideias? Por quê?

Recebido em 15 de junho de 2019
Aprovado em 20 de setembro de 2019
<https://doi.org/10.31990/agenda.2019.2.4>